



Abibiano de Souza, 36 anos, é uma das atrações nas tardes do Setor Comercial Sul: público espera mais de uma hora de falação sobre pastas milagrosas até o ápice do espetáculo, quando o malabarista salta em meio a um círculo de facas

O CORAÇÃO URBANO

Cristine Gentil

Da equipe do **Correio**

Para entrar no coração de Brasília, é preciso estar com os cinco sentidos aguçados. Sentir o gostinho da fruta fresca do *Velho Merenda* e o cheiro de uma trapça. Ter os olhos de lince para enxergar aquela vaga e a mão firme para segurar a bolsa. Ter os ouvidos bem treinados: ora para não deixar escapar sons como as vozes infantis da duplinha sertaneja Marlon e Danielle, ora para não ouvir as cantadas baratas e grosserias destiladas em voz alta. Assim é o Setor Comercial Sul (SCS): uma profusão de coisas para se ver, ouvir e sentir.

O tal coração do Plano Piloto está envelhecendo com a cidade. É vasto, superlotado e guarda em si todas as mazelas e belezas de um centro qualquer. Tem 40 mil metros quadrados povoados por uma multidão de 30 mil pessoas que a cada dia cruzam as seis quadras mais movimentadas do Distrito Federal. Um lugar onde se encontra absolutamente tudo.

Da banquinha improvisada que enche o isqueiro de gás ao raizeiro de Pernambuco que dá jeito em quase toda dor. Do sapateiro ao comerciante clandestino que compra vales-transporte e refeição com deságio de 15%. O corte de cabelo por R\$ 4 ou duas calcinhas por R\$ 5. O tráfico de drogas, o jogo do bicho, a briga por vagas, a pregação evangélica, as mágicas, as filis, os golpes.

BATALHA DIÁRIA

POR VAGA DE CARRO

Basta acomodar-se um minuto num banco entre as galerias e ruelas apertadas para observar cenas do caos ao meio-dia. Sol quente e engarrafamento completam o cenário de uma das visões mais freqüentes. A loira trancada num Tempa com ar-condicionado empaca, faz bico e não sai do lugar. Para desespero dos outros motoristas encurralados, ela não arreda da pista até conseguir a bendita vaga. Vence a batalha, enquanto o guardador de carros mal-humorado, que diz já ter sido locutor de rádio, grita desaforos. Ela nem liga e sai como vitoriosa. Dona de uma vaga, um raro objeto do desejo.

Seriam necessárias cinco mil vagas — previsão otimista da Prefeitura do

SCS — para acomodar todos os motorizados do lugar, mas só existem duas mil. É uma loteria diária na qual só se aventuram as pessoas que realmente necessitam. Ninguém vai ao Setor Comercial Sul sem um motivo. Uma dor de dente, uma pendenga jurídica, um empréstimo para tirar, o pagamento de contas, a sobrevivência diária.

Para Antônio José Lemos, 44 anos, o motivo apareceu há 17 anos, quando ele chegou ao SCS. A falta de estudo e de trabalho o levaram a ser um dos primeiros camelôs do local. Ele vende CDs sobre a sombra do prédio do banco Itaú, junto com outros tantos ambulantes que dali só saem quando o *rapa* aparece — e mesmo assim por pouco tempo.

Apelidado de *deputado* pelos colegas, Antônio José tira mais de três salários mínimos no SCS. Além do dinheiro garantido para o sustento dos cinco filhos que mantém em Santo Antônio do Descoberto (GO), tem outras razões para permanecer no centro da cidade. “É um lugar bom de se trabalhar, gosto de ter contato com as pessoas”, diz o vendedor, honrando a fama de ser bom com as palavras — daí o apelido. “Já me candidatei e não fui eleito, mas sou um homem político”, justifica *deputado*, que só estudou até a 5ª série.

A SEGUNDA CASA

DOS CAMELÔS

Antônio e seus companheiros camelôs são vistos como uma praga. “Camelô aqui é igual barata. Sobreve até a uma bomba atômica”, define, bem-humorado, o dono da banca do SCS, Cesário de Santana Lacerda, 42 anos, 30 deles vividos no Setor Comercial Sul. Nesse tempo todo, cresceu junto com o lugar. “Quando cheguei aqui tinha 12 anos e era jornalista *de braço*. Tinham poucos camelôs e 70% do terreno eram mato”, relembra. Anos depois, associou-se ao permissionário que ganhou do GDF o direito de explorar a primeira banca. “Ele tinha o espaço e eu tinha os clientes. Ficamos juntos muito tempo, até que comprei a parte dele”, explica Cesário.

Para ele, mesmo quando chega a ficar por três horas numa fila de banco, o Setor Comercial é uma segunda casa. “Eu adoro. Isso aqui é minha vida. É uma verdadeira cidade”, declara-se.



Apesar da ação dos rapas, camelôs não querem abrir mão da clientela

ra-se. É assim também para grande parte dos vendedores informais que não figuram na estatística das 1,2 mil pessoas jurídicas do SCS — comerciantes, prestadores de serviços e profissionais liberais. Assim como os estabelecidos formalmente, os informais continuarão lá enquanto sobreviver a certeza de que ali existem clientes garantidos para todos os tipos de mercadorias.

Na hora do almoço, quentinhas saem em menos de um minuto. Lanches também não faltam para quem não pode perder tempo. E sobra espaço também para as frutas do *Velho Merenda*, que vê os engratados lambuzando-se com uma rodela de abacaxi ou uma fatia caprichada de melancia há 25 anos. “Vendo frutas porque não tenho outro apego, mas gosto daqui. O contato com as pessoas é muito bom”, diz Antônio Fei-

toza, 52 anos, natural de Ubajara, no Ceará, de onde já trouxe o apelido. Todos os dias, ele sai do Jardim Ingá (GO) — uma hora de carro até o Setor Comercial Sul — às 6h e só volta às 20h. Homem de poucas palavras, passa o dia cortando as frutas frescas que traz diariamente da Ceasa e oferecendo aos clientes. Difícil vê-lo parado por um minuto sequer.

PARADINHA PARA

SHOWS É OBRIGATÓRIA

A rotina apressada do *Velho Merenda* dá a noção exata do ritmo que impera no Setor Comercial Sul. Como em qualquer centro de cidade, é uma correria pra lá e pra cá. Mas, mesmo assim, há sempre uma hora de parar. Sorte daqueles que ganham dinheiro

às custas da pausa dos outros. Como Abibiano de Souza, 36 anos, um mineiro que se apresenta como baiano e faz mágicas e estripulias na galeria do edifício Embaixador.

Lá pelas duas horas da tarde Abibiano começa o seu *show*. O barulho do chicote a estalar no chão chama a platéia. Com ele, o *baianinho* corta o cigarro até o toco, enquanto o braço do voluntário treme de medo. O ponto alto da apresentação é o pulo por dentro de um círculo de ferro cravejado de facas. Mas até chegar ao ápice do espetáculo, tem-se pelo menos uma hora de *falação*. Mesmo cansadas, as pessoas que rodeiam Abibiano não desistem. Amontoam-se numa rodinha ou debruçam-se nas janelas do prédio para ouvir as curiosas maravilhas da catuaba para os impotentes e de uma pomada feita à base de banha de peixe-boi, um santo milagre para curar dores musculares por apenas R\$ 1. “Faço esse trabalho há dez anos. Sou maratonista e faço ginástica olímpica. As mágicas são para divulgar as plantas medicinais”, apresenta-se o mineiro negro e baixinho.

No Setor Comercial Sul, ele encontrou um campo fértil de trabalho. Da mesma forma que os primos Marlon dos Santos, 12 anos, e Danielle Souza, 10 anos. “A gente tira uns R\$ 20, R\$ 30. Estamos juntando para comprar aparelhagem de som para poder fazer os nossos shows”, explica Danielle, a menina que sonha participar da novela Chiquititas, exibida pelo SBT, e conhecer a dupla Sandy e Junior.

Há três meses, Danielle e Marlon cantam em frente aos prédios do Setor Comercial Sul. Um repertório de músicas sertanejas que faz parar até os meninos engraxates que buscam o mesmo dinheiro suado que a duplinha. Nos bocejos entre um refrão e outro, Danielle revela o cansaço de uma rotina desgastante para uma criança. Os dois estudam de manhã e trabalham a tarde inteira para depois voltar a Valparaíso (GO), onde moram. “É cansativo, mas a gente se acostuma. A gente tem que lutar mesmo pelo que quer”, diz Marlon com a mesma convicção e força que passa ao cantar.

CONTO DO VIGÁRIO

NA FILA DO BANCO

Para ouvir a pequena dupla cantar, param engratados e pés-de-chine-

lo. E com a mesma naturalidade, tem gente que nem vira a cabeça para o lado. Guardador de carros há 18 anos, João Orcalino dos Santos, 48 anos, não se abala com nada. “Trabalho no meu cantinho e não paro pra nada. Não tenho tempo de *manjar* os outros”, garante ele, que prefere se manter longe de todo e qualquer burburinho para evitar a pecha de traficante, bandido e criador de casos que assola muitos de seus companheiros de ofício. O que, várias vezes, não é apenas boato.

Mais conhecido como Santos — aquele do edifício Embaixador —, ele é conhecidíssimo na redondezas e perde a conta dos “doutores e doutoras” que entregam as chaves dos carros em suas mãos. “Eu gosto daqui porque tenho muita amizade, mas não fico em rodinhas”, explica.

A preocupação de Santos tem sua razão de ser. Todo mundo é unânime em reconhecer que o Setor Comercial Sul é também reduto da marginalidade, mesmo durante o dia, quando os travestis e prostitutas não estão presentes e o tráfico de drogas é camuflado. Para os policiais militares, a tarefa de fiscalizar o lugar é uma das mais difíceis. “A gente pega uns meninos cheirando cola, um ou outro flanelinha passando drogas e uns batedores de carteira, mas o lugar é muito grande e é difícil vigiar. Os bandidos somem com a maior rapidez”, conta um dos policiais.

Um dos golpes mais freqüentes é o *conto do vigário*, comum em filas de banco. Duas pessoas — muito bem vestidas — participam da cilada. Um deles deixa cair um cheque, normalmente roubado, de alto valor. A vítima pega o cheque e devolve. No mesmo instante, chega outro comparsa e pergunta se o cheque já foi depositado. Os dois golpistas convencem a pessoa que recuperou o dinheiro que o dono da firma irá recompensá-la. Levam a vítima para algum prédio e a encaminham para um escritório qualquer. A trama é tão bem armada que a pessoa deixa a bolsa — por incrível que pareça — com os ladrões. Quando descobre que foi lesada, entra em desespero, procura o posto policial, mas raramente recupera a bolsa ou o dinheiro roubados. Cenas que fazem parte do dia-a-dia de qualquer centro de cidade.